

O PAPEL DO ENFERMEIRO NA SALA DE VACINA: dificuldades da supervisão.

THE ROLE OF NURSES IN THE VACCINE ROOM: difficulties of supervision.

LIMA, Jocimara Soares de
Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

ALMEIDA, Maria Clara de
Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

RESUMO

A sala de vacina é o espaço destinado somente a administração de imunobiológicos. Possui suas especificidades relacionadas ao ambiente e ao manejo de seus agentes e dos insumos gerados pela execução das atividades de imunização. Os aspectos funcionais necessitam de uma atenção especial, pois abordam medidas fundamentais para a administração, dentro de todos os parâmetros corretos de conservação, armazenagem e indicações clínicas. Para a confecção deste trabalho, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o tema em periódicos on-line e impressos, bases de dados científicos. A pesquisa foi desenvolvida entre abril de 2019 e setembro de 2020, com o objetivo de identificar as dificuldades encontradas pelo enfermeiro na supervisão da sala de administração de vacina. Para isto foram realizadas visitas em sites como: Scielo, Bireme, SBIM, Coren-SP, portal da Anvisa e Funasa e leitura de manuais do Ministério da Saúde. Devido à dificuldade de supervisão neste setor, notou-se a necessidade de um treinamento contínuo de toda a equipe para que se possa garantir um serviço de qualidade à população. O enfermeiro necessita de atitude proativa com ações educativas e supervisão mais efetiva das práticas em sala de vacina, evitando a ocorrência de falhas nos procedimentos que podem acarretar reflexo na qualidade dos imunobiológicos disponibilizados.

Palavras chave: Enfermagem, Imunobiológicos, Treinamento, Rede de Frio.

Linha de Pesquisa: Saúde Coletiva.

ABSTRACT

The vaccine room is the space intended only for the administration of immunobiologicals. It has its specificities related to the environment and the management of its agents and the inputs generated by the execution of immunization activities. Functional aspects need special attention, as they address fundamental measures for administration, within all the correct parameters of conservation, storage and clinical indications. For the preparation of this work, a bibliographic survey on the topic was carried out in online and printed journals, scientific databases. The research was carried out between April 2019 and September 2020, with the objective of identifying the difficulties encountered by nurses in the supervision of the vaccine administration room. For this, visits were made to sites such as: Scielo, Bireme, SBIM, Coren-SP, Anvisa and Funasa portal and reading of Ministry of Health manuals. Due to the difficulty of supervision in this sector, the need for continuous training was noted of the entire team so that a quality service can be guaranteed to the population. The nurse needs a proactive

attitude with educational actions and more effective supervision of practices in the vaccine room, avoiding the occurrence of failures in the procedures that can cause a reflection on the quality of the immunobiologicals available.

Keywords: Nursing, Immunobiologicals, Training, Cold Chain.

1. INTRODUÇÃO

A sala de vacina é o ambiente destinado à administração de imunobiológicos. Por ser um espaço que, geralmente, é utilizado por clientes/usuários saudáveis, é importante um olhar apurado para determinar o fluxo de pacientes e, assim, atentar para a localização desta sala, de maneira que o usuário não necessite transitar pelas demais dependências do prestador do serviço em saúde (BRASIL, 2008).

Os procedimentos da sala de imunização são executados pelos profissionais de enfermagem, preparados e qualificados para o manejo, conservação, preparo e administração, registro e descarte dos resíduos oriundos das ações de vacinação. A equipe vacinadora é formada pelo enfermeiro e pelo técnico e/ou auxiliar de enfermagem, de maneira que a escala de dois administradores de vacina para cada turno de trabalho, seria o ideal. A quantidade de funcionários pertencentes ao quadro depende da dimensão do trabalho de saúde, como também da extensão populacional da região de atuação (BRITO, et. al, 2014).

O dimensionamento também poderá ser determinado em conformidade com o prognóstico de que o limite de segurança de um vacinador administrar é de aproximadamente 30 doses de vacinas injetáveis ou 90 doses de vacinas pela via oral por hora de trabalho. A equipe de vacinação realiza também a compreensão da situação epidemiológica da área sob seus domínios de atuação, na qual está inserido, para elencar prioridades, a destinação de recursos e a orientação sistematizada, quando necessário. Ao enfermeiro é dada a responsabilidade pela supervisão e pelo gerenciamento do serviço desenvolvido em vacinação e pela metodologia de educação e treinamento regular da equipe (COREN, 2016).

Para a confecção deste trabalho, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o tema em livros, periódicos on-line e impressos, bases de dados científicos. A pesquisa foi desenvolvida entre abril de 2019 e setembro de 2020, com o objetivo de identificar as dificuldades encontradas pelo enfermeiro na supervisão da sala de administração de imunobiológicos. Para isto foram realizadas visitas em sites como: Scielo, Bireme, SBIM, Coren-SP, portal da Anvisa e Funasa e leitura de manuais do Ministério da Saúde.

2. DESENVOLVIMENTO

A estrutura física da sala de vacina é imprescindível ter, em média, 09 metros quadrados, sendo admissível uma área mínima de 06 metros quadrados, de forma que seja capaz de acondicionar os equipamentos, mobiliários e garantir o fluxo de circulação em condições ideais para a efetivação das atividades. Deve possuir se possível, portas com entrada e saída independentes e todas as portas e janelas, em suas pinturas, utilizar tinta lavável, as paredes e pisos necessitam ser contínuos e laváveis e o teto construído com material que, também, possibilite a limpeza com água (BRASIL, 2014).

A bancada de manipulação e preparo deve ser produzida em material não poroso, contendo uma pia para a limpeza dos materiais e outra somente para a higienização das mãos, antes e após o procedimento. A sala deve possuir iluminação natural e artificial; temperatura, umidade e ventilação em condições pertinentes para o desempenho apropriado das atividades. Os equipamentos elétricos devem ser ligados em tomadas exclusivas e os equipamentos de refrigeração devem ser destinados, exclusivamente, para manutenção de imunobiológicos e outros correlacionados, em condições adequadas ao uso (ANVISA, 2017).

As funções da equipe responsável pelo trabalho na sala de vacinação vão desde planejar as atividades de vacinação, monitorar e avaliar o trabalho desenvolvido de forma integrada ao conjunto das demais ações da unidade de saúde. Prover, periodicamente, as necessidades de material e de imunobiológicos. Manter as condições preconizadas de conservação dos imunobiológicos. Utilizar os equipamentos de forma a preservá-los em condições de funcionamento. Dar destino adequado aos resíduos da sala de vacinação. Atender e orientar os usuários com responsabilidade e respeito. Registrar todos os dados referentes às atividades de vacinação nos impressos adequados para a manutenção, o histórico vacinal do indivíduo e a alimentação dos sistemas de informação do PNI. Manter o arquivo da em ordem. Promover a organização e monitorar a limpeza da sala de vacinação conforme orientação (FUNASA, 2001).

Capacitar e supervisionar a equipe do setor. Conhecer, controlar e garantir a reposição semanal do estoque de vacinas do setor. Fazer o gerenciamento (estoque e requisições) da Rede de Frio. Realizar notificação de casos de Eventos Adversos possivelmente relacionados à vacinação. Verificar semanalmente as validades dos imunobiológicos. Solicitar mudanças e adaptações para que o ambiente da sala de vacinas tenha adequadas condições de trabalho. Conhecer, avaliar e acompanhar as coberturas vacinais de sua área de atuação. Estar apto (a) a tomar decisões no âmbito local, na liderança da equipe de enfermagem. Fazer a revisão no arquivo de cartões de controle (cartões espelho) para convocação e busca de faltosos. Somar as doses registradas no Mapa Diário de Vacinação e encaminhar Boletim Mensal de Doses Aplicadas ao Serviço de Vigilância em Saúde (BRASIL, 2014).

A enfermagem é agenciador da ação de vacinação, sendo o profissional graduado em enfermagem o responsável técnico do serviço em 100% das salas que administram imunobiológicos, segundo o Ministério da Saúde, os procedimentos de imunização são exercidas pelos profissionais treinados e capacitados para o manejo, conservação, manuseio, preparação e administração, anotação e desprezo dos resíduos oriundos dos procedimentos de vacinação (COREN, 2016).

Estudiosos do tema sinalizam que é importante refletir sobre a sucessão de falhas que podem comprometer a credibilidade que os imunobiológicos vêm conquistando nas últimas décadas, tornando-se imperativo para se manter essa confiança a orientação dos profissionais e o monitoramento dos processos que envolvem a manipulação dessas substâncias, por parte dos supervisores das unidades e gestores de saúde dos municípios (LUNA, et al, 2011).

Ao constatar e examinar as qualidades propícias ao planejamento, a coordenação e a supervisão, reunidos pelo enfermeiro na execução do serviço, percebemos que estas incumbências são frequentemente desempenhadas de modo centralizado, externando que, ainda que a equipe esteja presente, a decisão pode ser tomada sem participação determinante de outros membros pertencentes ao processo de trabalho. Não obstante, em certos momentos, a conversação realizada pelas enfermeiras fundamenta-se apenas através da propagação de informação. Estes pormenores demonstram para a elaboração da ação gerencial, de maneira pouco interativa, sem que estabeleça um trabalho gerencial que seja eficaz, onde se privilegia a delegação de responsabilidades (KAWATA, et al, 2009).

O enfermeiro devido as inúmeras funções que desempenha na Estratégia Saúde da Família (ESF), abandona a supervisão ou a executa de forma deficiente com relação as salas de vacina, e isto faz com haja a ocorrência de falhas nos procedimentos que podem acarretar reflexo na qualidade dos imunobiológicos, disponibilizados para a população (BRASIL, 2011).

A maioria dos enfermeiros e técnicos/auxiliares de enfermagem não conhecessem adequadamente quais vacinas poderiam ser ou não congeladas. Sendo que faz parte das atribuições dos profissionais que trabalham diariamente com vacinas constatar as probabilidades de inativação dos imunobiológicos (OLIVEIRA, et al, 2009).

Para a constante organização da assistência de enfermagem alguns passos indispensáveis são de responsabilidade do enfermeiro: reuniões periódicas com a equipe de enfermagem, estudo e análise dos determinantes sociais em saúde dos usuários com esquema vacinal em atraso, reestruturação da infraestrutura física da

sala de vacinas, como limpeza, desinfecção, e reorganização dos materiais não consumíveis da sala, gerência de recursos materiais para recompor e prestar a assistência de qualidade ao imunizado, programar atualizações dos profissionais técnicos ou auxiliares de enfermagem responsáveis pela imunização, elaboração das avaliações teórico/práticas firmadas entre o gerenciamento do programa e a supervisão de enfermagem da sala de vacinas, qualificação teórica por meio de cursos e treinamentos em trabalho (TERTULIANO, 2014).

Em um estudo realizado com profissionais de enfermagem, a minoria afirmou haver ausência de um trabalho em equipe, é notável que no contexto da prática a divisão das atividades seja exclusivamente teórica, ou seja, exista de forma dominante execução do técnico de enfermagem, com pouca ou nenhuma supervisão do enfermeiro, inclusive (MELO, 2016).

A oferta de educação continuada para os profissionais das equipes de ESFs (Estratégia Saúde da Família) para atualização dos conhecimentos sobre vacinas, principalmente pelas mudanças constantes no decorrer dos anos no calendário de imunização, sempre com introdução de novas vacinas que causam inseguranças e dúvidas para a equipe atuante nestas unidades (SANTOS, 2014).

O estudo revelou deficiente supervisão de enfermagem das salas de vacina, e isso pode comprometer a qualidade dos imunobiológicos disponibilizados à população, haja vista que a supervisão em enfermagem é instrumento viável para avaliação da qualidade da assistência prestada à população, e o enfermeiro tem papel fundamental nesse processo (ARANDA e MORAES, 2006).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que o objetivo de garantir a qualidade da imunização atinja o máximo de eficácia com o menor risco de causar malefícios a saúde seja atingido, alguns pontos são fundamentais: A equipe precisa estar treinada e atualizada referente aos procedimentos, às vacinas, ao calendário vacinal e aos esquemas a serem adotados segundo a necessidade de cada paciente/cliente. A gerência da rede de frio deve

ser eficaz. A carteira de vacinação deve ser avaliada para analisar quais vacinas necessitam ser administradas e quantas doses serão necessárias. A técnica de administração deve ser adequada às características de cada vacina.

O enfermeiro responsável direto pela sala de vacina deve ter atitude proativa, realizar a supervisão dos procedimentos da sala de vacina de forma mais efetiva, deve promover a realização de intervenções educativas de atualização, com isto poderá evitar que haja falhas nos procedimentos que ocasionaram reflexo na qualidade dos imunobiológicos, fornecidos para a população.

Imunizar não é meramente uma ação simples de realizar uma administração parenteral ou oral. Necessita de conhecimento, atualização constante, execução dos princípios éticos e legais da profissão, manter a organização administrativa no ambiente de trabalho, saber trabalhar com a tecnologia e, principalmente, ter domínio do SABER/FAZER e SABER/SER.

4. REFERÊNCIAS

ANVISA. **Sala de vacina Anvisa-RDC Nº 197** – Disponível em: [Anvisaportal.anvisa.gov.br > documents > RDC_197_2017_.pdf](http://Anvisaportal.anvisa.gov.br/documentos/RDC_197_2017.pdf) Acesso em 23 set. 2020

Aranda, C. M. S. S.; Moraes, J. C. **Rede de frio para a conservação de vacinas em unidades públicas do município de São Paulo: conhecimento e prática.** Rev. bras. epidemiol, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 172-85, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415790X2006000200004&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 23 set. 2020

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de normas e procedimentos para vacinação.** Brasília:Ministério da Saúde,2014. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_procedimentos_vacinacao.pdf Acesso em: 05 set. 2020

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de estrutura física das unidades básicas de saúde: saúde da família.** Departamento de Atenção Básica. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. 52 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Capacitação de pessoal em sala de vacina**. Manual do Monitor. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

Brito, M. F. P. B.; Gerin, L.; Couto, E. C. A.; Cunha, I. S.; Corsini, M. C. M. M.; Gonçalves, M. C. **Caracterização das notificações de procedimentos inadequados na administração de imunobiológicos** em Ribeirão Preto, São Paulo, 2007-2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ress/v23n1/2237-9622-ress-23-01-00033.pdf> Acesso em 23 set. 2020

Coren-PE. **Parecer Técnico nº 037/2016** Disponível em: http://www.coren-pe.gov.br/novo/parecer-tecnico-coren-pe-no-0372016_7783.html Acesso em 19 mai. 2020.

FUNASA. Ministério da Saúde. Manual rede de frio. Fundação Nacional da Saúde. 3 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_rede_frio.pdf Acesso em 07 set.2020

Kawata L.S., Mishima S.M., Chirelli M.Q., Pereira M.J.B. **O trabalho cotidiano da enfermeira na saúde da família: utilização de ferramentas da gestão**. Texto Contexto Enferm [online]. 2009 18(2):313-20. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v18n2/15.pdf> Acesso em 10 set. 2020.

Luna, G.L.M; Vieira, L.J.E.S; Souza, P.F; Lira, S.V.G; Moreira, D.P; Pereira, A.S. **Aspectos relacionados à administração e conservação de vacinas em centros de saúde no Nordeste do Brasil**. Ciênc Saúde Coletiva [online]. 2011 16(2):513-21. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v16n2/v16n2a14.pdf> Acesso em 08 set. 2020

Melo, E. S. **Processo de trabalho em salas de vacina de um município do recôncavo baiano: interfaces entre teoria e prática** – 2016. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/219813061/edinaldo-dos-santos-melo>. Acesso em 25 abr. 2019

Oliveira, V. C. de; Gallardo, P. S.; Gomes, T. S.; Passos, L. M. R.; Pinto, I. C. **Conservação de Vacinas em Unidades Básicas de Saúde: Análise Diagnóstica em Municípios Mineiros**. *Rev. Rene*, v. 13 n. 3 p. 531-54, 2012. Disponível em: <http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/720/pdf>. Acesso em 24 mai. 2019.

SBIM. Sociedade Brasileira de Imunizações. Imunização. **Tudo o que você sempre quis saber**. 3ª edição, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://sbim.org.br>. Acesso em 15 abr. 2019.

Tertuliano, G.C. **Repensando a Prática de Enfermagem na Sala de Vacinação**. Anais da VIII mostra científica do Cesuca – nov./2014 ISSN – 2317-5915. Disponível em:
http://ojs.cesuca.edu.br/index.php/mostrac/article/viewFile/798/pdf_119 Acesso em 07 set. 2020

Santos, C. C. **Imunização na Atenção Básica: Proposta de um plano de intervenção**- 2014. Disponível em:
<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/5287>. Acesso em 23 mar.2020